

A BÊNÇÃO DE JAVÉ ATRAVÉS DA ÁGUA

Norberto da Cunha Garin*

Resumo

A água uniu e dividiu os grupos humanos no decorrer da história. No contexto do povo bíblico do Antigo Testamento, a água foi percebida como bênção de Javé, mas também foi motivo de descontentamento e de revolta. Depois de estabelecidos na terra, os hebreus incorporaram na liturgia do seu culto a provisão de água presenteada por Deus. A profecia, algumas vezes, encarou a falta de água como consequência do pecado humano, mas a sua abundância foi festejada como sinal de salvação. Na contemporaneidade, a água continua a ser motivo de dor de cabeça. Ao refletir sobre a sustentabilidade da vida, os participantes da Rio+20 manifestaram preocupação em relação à transformação da água, de dom de Deus em bem privatizado com consequências danosas ao ser humano. O sistema capitalista foi apontado como pernicioso à vida sustentável.

Palavras-chaves: *Água. Murmuração. Sustentabilidade. Privatização.*

Abstract

Water unify and divide human groups throughout history. In the context of the biblical people in the Old Testament, the water was perceived as a blessing from the Lord, but it was also a source of discontent and revolt. Once established on earth, the Hebrews incorporated the water supply in the liturgy of their Cult as gifted by God.

The prophecy sometimes faced water shortages as a result of human sin, but their abundance was celebrated as a sign of salvation. In contempo-

* Bacharelado em Teologia – Universidade Metodista de São Paulo. Licenciatura em Filosofia – Universidade de Passo Fundo. Mestrado em Teologia – Linha de Pesquisa: Bíblia (Antigo Testamento) – Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS. Doutorado em Teologia – Linha de Pesquisa: Teologia e História – Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS. Atuação: Professor do Programa de Pós-graduação e pesquisador do Centro Universitário Metodista, do IPA, Porto Alegre. Programa de Pesquisa: “Vida de Professor: a dimensão da espiritualidade”.

rary times, the water continues to be a problem. It Reflects on the sustainability of life, the participants of the Rio + 20 expressed concern about the transformation of water: from gift of God into a privatized good with harmful consequences to humans. The capitalistic system was appointed as something pernicious to sustainable life.

Keywords: *Water. Murmuring. Sustainability. Privatization.*

Introdução

Quando criança, uma das minhas tarefas era vender, na cidade, os produtos da roça. A cada quinze dias fazia um percurso que, no total, durava cerca de doze horas. Saía cedo, viajava treze quilômetros, oferecia os produtos da terra à freguesia. Comprava mantimentos para completar as necessidades da casa, tais como sal, querosene, café etc., e entrava pela porteira, de volta, em torno de sete da noite. Nessas viagens nunca levava água para beber. Minha mãe dizia: “Não se carrega água para beber em viagem: em todo o lugar tem de graça!”

A rigor, a água tem sido um bem de constante disputa entre os seres vivos do planeta. Ela marcou os diversos movimentos de humanos e de animais nas várias etapas dos seus desenvolvimentos. Ora se tornou motivo de disputas, ora aproximou grupos em associações ao redor dela. Assim também, todo o vegetal que nasce sobre o planeta depende da água.

Além dos transtornos que a falta d'água representa, ela também foi utilizada como fonte de cura para as enfermidades. A falta d'água significava dor, enfermidade, sofrimento e morte. Isso continua atual, mesmo que a tecnologia aprimorada pelo ser humano tenha inventado diferentes formas para encontrá-la.

Quando Moisés construiu o Tabernáculo, uma das preocupações foi a construção de uma pia para colocar a água da purificação, apontando para a importância da água no meio litúrgico (Ex 40,30). Nesse contexto, a água assumiu diferentes papéis até mesmo na hinologia do templo de Jerusalém, mais tarde. A alma que não estava com Deus era relacionada à terra seca que não recebia água (Sl 63,1). É possível perceber como esse elemento pontua a liturgia do povo da Bíblia, tanto no Novo como no Antigo Testamento.

Após cruzar o Mar Vermelho, o povo que seguia Moisés enfrentou várias dificuldades relacionadas à água. Ora era a sede, ora encontrava água imprópria, ora percebia a misericórdia de Javé se manifestando através dela. Em sua busca, o Senhor orientava a liderança do povo para usar a sua instrumentalidade a fim de encontrá-la. Aqui, a escolha feita foi visitar dois textos do livro do Êxodo (Ex 15,22-27 e 17,1-7).

Depois de estabelecido na terra prometida, a água passou a ser cantada em versos coletivos na hinologia do culto de Israel. Já na tradição profética foi mencionada como sinal de salvação e sua ausência como castigo pelo pecado do

povo. Serviu também para apontar a ineficiência das lideranças que deveriam suprir a população com o líquido precioso. Aqui, optou-se por olhar diferentes expressões do saltério e das profecias de Isaías e de Jeremias.

Na atualidade, a água é sinônima de preocupação dos povos da Terra. De dom divino passou a *commodity*¹ negociada em bolsas de valores. O acesso à água depende da oferta e da procura num mundo dominado pelas relações capitalistas de consumo. Para isso, entre as diferentes possibilidades ficou-se com os Documentos finais da cúpula dos povos na Rio + 20 por justiça social e ambiental².

1. A caminhada do povo hebreu pelo deserto e a água

Como bem disputado por quase todos os seres vivos, a água se tornou motivo de desespero nas regiões mais secas do planeta, como nos desertos. O povo hebreu, em uma das etapas significativas de sua formação, enfrentou o deserto desafiador de Sur, localizado próximo à parte oriental do Egito em direção à Síria, segundo relatos de tradições hebraicas, conforme Gn 25,18³.

Quando o povo hebreu saiu do mar Vermelho (mar dos Juncos?) e adentrou a região de Sur, cerca de três dias, provavelmente no decorrer do século XIII aC⁴, deparou-se com a escassez da água. É possível presumir que os estoques levados pelas pessoas tenham acabado depois desse período de jornada.

Enveredaram na direção de Mara (provavelmente *'Ain Hawarah*) na Península do Sinai. A experiência de alcançar uma fonte de águas, em pleno deserto, tornou-se amarga porque as águas daquele lugar eram impróprias para o consumo por estarem contaminadas. O texto bíblico fala em “amarga”, o que provavelmente significava salgadas em virtude da alta evaporação provocada pela excessiva quantidade de sol. O fato de não conseguirem tomar as águas de Mara gerou a segunda⁵ murmuração contra Moisés na trajetória do deserto, depois do triunfo contra os egípcios. A indignação do povo se voltou contra o seu líder, mas embutido nela estava o descontentamento contra Javé (Sl 78), conforme se entende

1. “*Commodity* é um termo de língua inglesa que, como o seu plural *commodities*, significando literalmente mercadoria, é utilizado para designar bens para os quais existe procura sem atender à diferenciação de qualidade do produto no conjunto dos mercados e entre vários fornecedores ou marcas.”. [COMMODITY. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Commodity>. Acesso em 19 jan 2013.]

2. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL. 22 jun 2012. Disponível em <http://cupuladospovos.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Declaracao-final-PORT.pdf>. Acesso em 01 jan 2013.

3. NOTH, Martin. *Exodus: a commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1962. Em nosso estudo do tema da água não entramos nas recentes discussões sobre a formação do Pentateuco.

4. GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

5. A primeira murmuração aconteceu diante dos militares egípcios, à vista do mar (Ex 14,11-12).

na sequência da própria narrativa (Ex 15,25). Ratificando essa afirmação, quando o povo chegou a Rafidim, a murmuração tornou-se explícita na narrativa da resposta de Moisés: “Por que colocais Javé à prova” (17,2)? Essa é uma atitude de rebeldia explícita contra Moisés e contra Javé⁶. Na verdade, tratava-se de uma atitude compreensível visto que a falta d’água era determinante para a sustentação da vida no deserto.

Há menção de outra fonte no caminho de Sur, o poço de *Laai-Roi*, no deserto do Sinai em um texto da tradição de Abraão. Quando Hagar é expulsa por Sarai, tomou o caminho do deserto e acampou junto à fonte, onde Javé se lhe manifestou indicando que dela haveria de se multiplicar a descendência. A sua gravidez apareceu no conteúdo de um poema de anunciação sobre a origem de um grande povo (Gn 16,7), mas *Laai-Roi* não estava ao alcance do povo peregrino liderado por Moisés.

A exaltação, no texto de Êxodo, foi sobre a intervenção de Javé na história do povo. Utilizando-se da instrumentalidade de Moisés, atuou mediante a ação do líder que tomou uma árvore e a jogou sobre a água que se transformou em água potável. A mesma instrumentalidade se repetiu no episódio de Rafidim (17,5). A diferença é que nesse último episódio Moisés utilizou, por ordem de Javé, a mesma vara com a qual havia ferido o rio, no Egito, cujas águas se transformaram em sangue (7,17).

Estes momentos de incerteza abriram caminho para as regulamentações que, aos poucos, estabeleceram a identidade do povo hebreu enquanto marchava pelo deserto. Os estatutos de Javé se expressavam num elemento de tradição deuteronômista posterior, que impulsionava o povo à obediência à voz de Javé como seu Deus⁷. Como recompensa a saúde lhes acompanharia, bem longe das pragas semeadas sobre os habitantes do Egito (15,26). Aqui se estabelecia o contraste entre a opressão do Egito, repleto de trabalhos forçados e de pragas e o deserto no qual Javé promovia a cura, inclusive das águas amargas. Essa narrativa, talvez eliminada desse local por imposição de uma narrativa preponderante (narrativa do Sinai), reapareceu no Deuteronomio, no contexto do cântico atribuído a Moisés “Vede agora que eu, eu o sou, e mais nenhum deus há além de mim; eu mato, e eu faço viver; eu firo, e eu saro, e ninguém há que escape da minha mão” (Dt 32,39).

Entretanto, não há narrativa sobre a elaboração desses estatutos que certamente foram omitidas por causa da preponderância da tradição do Sinai (Ex 20–23). A menção à prova remete ao verbo provar e a 17,7 onde se encontra um trocadilho entre prova e contestação (Massa = provação / Meribá = contestação). Trata-se de um episódio que voltaria a ser focado em Dt 6,16. Isso pode ter sido apagado pela tradição dominante do Sinai que se referia ao estabelecimento de

6. PIXLEY, George V. Êxodo. São Paulo: Paulinas, 1987.

7. NOTH, Martin. *Exodus: a commentary*.

leis e estatutos junto ao Horeb⁸. Possivelmente, essa é uma referência a Js 24,25 no qual aparece a narrativa sobre Josué estabelecendo uma aliança, em nome do povo, com Javé, em Siquém⁹.

Depois desse evento milagroso de Javé, o povo avançou para Elim onde encontrou doze fontes e setenta e duas palmeiras (v. 27). Nesse lugar menos inóspito e quase paradisíaco, acampou junto às águas. Esse relato foi repetido pela cronologia de viagem listada por Números na qual aparece a menção de que acampou em Mara, vindos de Piariot. (Nm 33,7-9).

Entretanto, a relação do povo da Bíblia com a água não se esgota nesses episódios do deserto, mas a acompanha na medida em que a jornada avança. Aparece na profecia e aparece na hinologia do povo de Israel.

2. Outras relações do povo da Bíblia com a água

A façanha de provocar o aparecimento da água onde antes só havia deserto é tão impressionante, na tradição de Israel, que ocupou lugar de destaque na hinologia do Templo. Mencionava o poder divino que vinha em misericórdia do seu povo no deserto fazendo brotar água de uma rocha e surgir rios no meio da secura (Sl 78,16.20; 105,41; 114,8). A mesma toada aparece como comprovação da misericórdia de Javé no contexto das bênçãos derramadas sobre o povo no deserto (Sl 81,7). Outro hino do Templo mencionava as obras poderosas de Javé, que num trocadilho poético falava como Javé fora capaz de converter as terras mais tórridas do planeta em mananciais de água (Sl 107,35).

O episódio da falta d'água e a contenda do povo contra Javé foi salientada em diferentes narrativas das tradições do povo. Meribá passou a ser um símbolo da rebeldia do povo e da misericórdia abundante de Javé (Nm 20,13). A revolta de Meribá seria considerada motivo para que Arão não entrasse na terra prometida. Como não creu na providência divina foi despido de suas vestes sobre o monte Hor e ali morreu sendo seu cargo passado a Eleazar, seu filho, que prosseguiu com Moisés (Nm 20,22-29). Da mesma forma como aconteceu com o irmão, Moisés não entraria na terra prometida. Javé o instou a designar Josué para o substituir na liderança do povo por causa da contenda junto às águas de Meribá (Nm 27,12-22)¹⁰.

Na tradição profética de Israel, a ausência da água foi citada para ilustrar o resultado do pecado do povo que havia se desviado dos caminhos de Javé (Is 1,30).

8. PIXLEY, Êxodo.

9. NOTH, Martin. *Exodus: a commentary*.

10. As causas de ambas as punições, tanto a de Aarão quanto a de Moisés, são omitidas pelas tradições e apenas são mencionadas emoldurando a morte dos dois irmãos.

Por outro lado, a água foi mencionada como sinal de salvação, que o povo encontrara com alegria em Javé (Is 12,3). A preocupação com os sedentos que fugiam da guerra foi anunciada para que se tomassem providências e os mesmos recebessem água (Is 21,14). Quando a salvação foi anunciada, a água apareceria como um elemento fundamental no atendimento às necessidades do povo (Is 30,20).

Em Is 44,3 a chegada da salvação foi anunciada como abundância de água, comparada ao derramamento do Espírito de Deus sobre as futuras gerações, às quais não faltaria o líquido precioso. Entretanto, a história de Israel ficou indelevelmente marcada pela presença da água que o profeta recordaria, séculos depois, o evento salvador do deserto: “Não padeceram sede, quando ele os levava pelos desertos; fez-lhes correr água da rocha; fendeu a pedra, e as águas correram” (Is 48,21).

O profeta Jeremias, denunciando o pecado de Israel se referiu à maldade do povo que abandonou a bênção de Javé e resolveu construir a sua história cavando os seus próprios poços, virando assim as costas para a obediência divina: “Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas” (Jr 2,13).

No contexto da grande seca, sob Joaquim (598-597 aC), há uma peça litúrgica de lamentação diante da tragédia que se abateu sobre o povo de Judá. A primeira parte fez uma descrição da desgraça na qual a falta de água foi o centro do sofrimento. A situação do povo era tão trágica que mesmo as lideranças não encontravam o líquido precioso nas cisternas. O lamento mencionava a realidade dos cântaros vazios que envergonhavam àqueles que deveriam prover o abastecimento ao povo. A tragédia, pela falta de providências, era tão expressiva, que todos cobriam as suas cabeças de tal sorte que até os animais selváticos abandonavam seus filhotes e partiam por causa da sede e da fome:

Anda chorando Judá, as suas portas estão abandonadas e, de luto, se curvam até ao chão; e o clamor de Jerusalém vai subindo. Os seus poderosos enviam os criados a buscar água; estes vão às cisternas e não acham água; voltam com seus cântaros vazios e, decepcionados e confusos, cobrem a cabeça. Por não ter havido chuva sobre a terra, esta se acha deprimida; e, por isso, os lavradores, decepcionados, cobrem a cabeça. Até as cervas no campo têm as suas crias e as abandonam, porquanto não há erva. Os jumentos selvagens se põem nos desnudos altos e, ofegantes, sorvem o ar como chacais; os seus olhos desfalecem, porque não há erva (Jr 14,2-5).

A liturgia do povo de Israel era pontuada pela confiança depositada em Javé na forma de questionamento com resposta única e definitiva. No centro das alternâncias aparecia a água na forma de chuva: “Porventura há, entre as vaidades dos gentios, alguém que faça chover? Ou podem os céus dar chuvas? Não és tu, ó Senhor nosso Deus? Portanto em ti esperamos, pois tu fazes todas estas coisas” (Jr 14,22).

Fazendo um contraponto entre quem confia apenas no ser humano e quem segue a Javé, o profeta Jeremias se reporta à árvore plantada junto às águas de como suas raízes procuram a corrente e não se importa com a secura e o calor produzindo o seu fruto (Jr 17,8).

Em contrapartida à condução de Moisés pelos caminhos do deserto, Jeremias entoou o canto da restauração de Israel, trazendo à memória do povo a importância da condução segura e reta. Anunciava o perfil pastoral de Javé que conduzia os seus queridos aos ribeiros de águas, numa comparação com a tarefa do pai que protegia sua prole (Jr 31,9).

É possível perceber que, no contexto do Antigo Testamento, a água é vista como um dom de Javé, que ora sua escassez é entendida como consequência do pecado, ora jorra abundante como sinal da bênção divina. Atualmente, entretanto, a água levanta outras preocupações, principalmente ligadas à sua privatização.

3. A água no contexto contemporâneo

Assim como acontecia para Israel, a água continua a causar insônia ao povo, mesmo para quem confia em Javé. A desobediência e a falta de habilidade do ser humano ainda permanecem como uma ameaça contra a vida sobre a Terra. Os cuidados com os bens oferecidos pelo Senhor para que a vida se perpetue sobre o planeta continuam a mobilizar os crentes em suas ações e orações.

Em 2012, representantes do mundo inteiro se reuniram para refletir a respeito da sustentabilidade das ações humanas. Parte dessas reflexões repousou sobre a preocupação com a água. O medo não é que as águas se tornem amargas, mas que a sua privatização transforme um bem comum, dom de Deus, em privilégio de minorias que detenham o poder econômico e transformem os grupos humanos em “permissionários” da vida.

Reagindo à tendência de privatizar aquilo que é bem de todos, dádiva de Deus, os participantes da Plenária 2, da Cúpula dos Povos, da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 20, realizada nos dias 17 e 18 de junho, reivindicaram o direito universal sobre a água que Javé faz brotar gratuitamente da rocha. Quando a água se tornar escassa, por alguma maneira, tanto no campo como na cidade, são as lideranças do povo que devem providenciar para que ela não falte a quem dela necessite. Como aconteceu no deserto, na trajetória do povo de Israel rumo à terra prometida (Ex 17,2), são as lideranças que devem tomar a iniciativa para que haja a água necessária para todos. Como no episódio do deserto, é o povo que ergue sua voz e clama (Ex 15,24; 17,3):

O direito à água, seja no campo ou na cidade, é um pilar fundamental nesse sentido e deve ser assegurado também por meio de um manejo público e comunitário dos recursos hídricos¹¹.

11. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 12.

A mesma Plenária, entre os itens marcados para uma agenda comum de reivindicações, sinalizou a privatização da água como preocupação marcante: “Assim, nossa agenda comum consiste em: [...] 22. Apoiar, divulgar e participar da Campanha contra a privatização da saúde e serviços de água e saneamento”¹².

A Plenária 3, que tratou do tema da Soberania Alimentar, ao focar as Causas Estruturais, apontou quatro itens como bandeiras de lutas para os povos, abordando o tema da água. O sexto item se reporta à apropriação e grilagem das águas representadas por rios e mares:

[...] 6. Apropriação e grilagem são totais: da terra, dos territórios, das águas (rios e mar), das sementes, território, da biodiversidade (patrimônio genético), da cultura e do conhecimento¹³.

O item 22 aborda a produção do agronegócio, dos agrotóxicos e dos fertilizantes químicos que contaminam o solo e as águas:

[...] 22. A produção do agronegócio é dependente de transgênicos, dos agrotóxicos e dos fertilizantes químicos. Estes produzem riscos e impactos negativos no ambiente, afetam a saúde dos consumidores, ameaçam a agrobiodiversidade e contaminam os solos, as águas, alimentos e trabalhadores causando câncer, depressão, infertilidade masculina e feminina etc.¹⁴.

O item 26 trata da apropriação das águas representadas pelos rios, lagos, aquíferos e oceanos, desvirtuando sua finalidade e direcionando o seu conteúdo para atividades exploratórias:

[...] 26. A apropriação e uso das águas dos rios, lagos, aquíferos e oceanos para atividades como a irrigação para o agronegócio, o represamento e transposições gera conflitos pelo acesso à água¹⁵.

O item 27 aborda a utilização da água como meio de negócio de empresas, plataformas de petróleo, estradas e o turismo:

12. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 14.

13. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 16.

14. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 16.

15. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 17.

[...] 27. Os grandes projetos de engenharia como as grandes represas, as plataformas de petróleo, as estradas, os hotéis etc., prejudicam os povos e atividades ligados à água como os ribeirinhos, a pesca etc.¹⁶.

A Plenária 4, que se debruçou sobre o tema da Energia e Indústrias Extrativas, ao examinar as causas estruturais da crise apontou duas que envolvem a água como preocupação recorrente. A primeira se reporta ao sistema capitalista que continua transformando os países emergentes como fornecedores de matérias-primas intensificando o modelo energético-extrativo e relegando à vulnerabilidade indígenas, camponeses e trabalhadores que perdem o controle sobre terras, águas, mangues e costas:

1. A causa principal é o sistema capitalista que pretende superar sua crise intensificando o modelo energético-extrativo, que perpetua o papel de fornecedores de matérias-primas dos países periféricos, aprofundando inevitavelmente a precariedade do trabalho, violando os Direitos Humanos, tornando vulneráveis as condições de vida dos povos indígenas, camponeses, trabalhadoras e trabalhadores. Os povos, a cada dia, perdem mais o controle sobre nossas terras, água, energia, florestas, mangues, costas, biodiversidade, territórios e culturas. O capitalismo está em oposição às formas de vida de todas as comunidades do mundo¹⁷.

A segunda trata da forma como governos e corporações desejam impor uma economia verde, mas com abertura para privatização e mercantilização dos bens comuns, dos quais a água é um dos principais. Faz-se uma denúncia das soluções falsas que resultam em maior agressão ao meio ambiente sem apelar para mudanças de paradigma:

2. Como meio para sair da crise, governos e corporações pretendem impor a economia verde, com a qual se abre caminho para mercantilização de todos os bens comuns. Identificamos como falsas soluções as grandes mineradoras, as hidrelétricas, a intensificação da extração agressiva de combustíveis fósseis e de combustíveis não convencionais como gás de xisto (*fracking*), areias betuminosas e petróleo em águas profundas, a privatização da água, da terra e da energia, a incineração e os aterros sanitários, os monocultivos e os praguicidas, a produção de energias mediante agrocombustíveis, a energia nuclear e as energias aparentemente verdes. A solução não se reduz às mudanças tecnológicas, também se quer uma mudança de paradigma¹⁸.

16. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 17.

17. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 23.

18. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 24.

O Grupo de Articulação Nacional e Internacional da Cúpula dos Povos por Justiça Social e Ambiental¹⁹, reunido em maio de 2012, emitiu um documento com o título “Pela unidade e a mobilização dos povos, em defesa da vida e dos bens comuns, justiça social e ambiental, contra a mercantilização da natureza e a ‘economia verde’”, no qual aponta a preocupação com o retrocesso que a Rio+20 representaria em relação à Rio 92 no que se refere ao direito humano à água, entre outros:

Como uma estratégia de negociação na conferência Rio+20, alguns governos de países ricos estão propondo um retrocesso dos princípios da Rio 92, como o princípio de responsabilidades comuns e diferenciadas, o princípio da precaução, o direito à informação e participação. Estão ameaçados direitos já consolidados, como os dos povos indígenas e populações tradicionais, dos camponeses, o direito humano à água, os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, dos imigrantes, o direito à alimentação, à habitação, à cidade, os direitos da juventude e das mulheres, o direito à saúde sexual e reprodutiva, à educação e também os direitos culturais²⁰.

Noutra parte, esse documento faz críticas ao capitalismo como causa dos males que transformam os bens essenciais à vida em mercadoria sujeita ao lucro. Entre esses bens salienta a escassez de água potável que, a despeito da contaminação e da ganância mercantil, se tornou um bem de troca passível de cotação em bolsas de valores:

[...] O sistema de produção e consumo capitalista, representado pelas grandes corporações, mercados financeiros e os governos que asseguram a sua manutenção, produz e aprofunda o aquecimento global e as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade, a escassez de água potável, o aumento da desertificação dos solos e da acidificação dos mares, em suma, a mercantilização de todas as dimensões da vida²¹.

Nesse contexto, a excessiva mercantilização dos bens fundamentais à sustentabilidade, dons de Javé, ameaça à vida em todas as suas formas de expressão é salientada pela Declaração final da Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental – Em defesa dos bens comuns, contra a mercantilização da vida.

19. O Grupo de Articulação (GA) Internacional do Comitê Facilitador para a Sociedade Civil na Rio+20 (CFSC) da Cúpula dos Povos é formado por 35 redes, organizações e movimentos sociais de 13 diferentes países. Seus representantes trabalham junto ao GA Nacional (com 40 redes representadas) na coordenação metodológica e política da Cúpula dos Povos, evento paralelo e crítico à Rio+20 [DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 37].

20. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 35.

21. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 34.

A sinalização do documento é que a falta de água não seria fruto da ausência de chuvas, do aumento dos desertos, mas da ganância de quem detém os direitos sobre aquilo que é dom de Javé (Jr 14,2-5) e comercializa um bem comum precioso tornando-o de direito privado, com a finalidade de lucro particular:

Vivemos tempos de capitalismo financeiro, que significa que comercializar é especular com dinheiro, ações, riscos e produtos financeiros associados ao que é mais rentável do mundo. Assim, cada vez mais aspectos da vida cotidiana estão sendo dominados pelos mercados financeiros. A privatização dos serviços públicos como água, saúde e educação tem sido parte fundamental na criação de novos mercados de especulação e de mercantilização dos bens comuns²².

Considerações finais

A experiência de não ter água é desesperadora porque não admite demora. Considerando que o limite de sobrevivência para pessoas normais é de 3 a 5 dias, sob condições climáticas razoáveis, no deserto esse tempo é consideravelmente diminuído. Três dias de caminhada no deserto de Sur significava encontrar água ou morrer, pois não havia tempo hábil para retornar.

A água de Mara não era própria para o consumo. É possível imaginar o desespero dessas pessoas sentindo-se perdidas no meio do nada. Quando a dificuldade aparece, em sua forma mais cruel, as sementes de esperança e os conceitos de fé se esfumam sob o horizonte. O povo não enxergava saída. A revolta não se dirigia apenas ao líder, mas também contra aquele Deus que lhe havia encorajado na revolta contra os opressores e na conquista da liberdade.

É possível que também Moisés tenha passado por essa experiência terrível. A diferença é que para ele havia uma experiência de fé mais forte e a visão de Javé, que lhe havia acompanhado na saída do Egito, não lhe deixaria morrer daquele jeito. Quando as possibilidades humanas se esvanecem, a misericórdia de Javé se mostra poderosa e salvadora, mas ela necessita da instrumentalidade de Moisés, porque Deus não realiza o que o ser humano pode fazer. O instante de dúvidas tornou-se uma porta para a construção da identidade do povo através da elaboração das regulamentações necessárias a uma caminhada conjunta.

As ações misericordiosas de Javé são exaltadas em diferentes momentos da liturgia de Israel. Há menção aos episódios de Mara e de Rafidim em diversos salmos, hinos cantados no contexto do culto.

Por outro lado, o episódio de Meribá se tornou símbolo da rebeldia do povo contra Javé. De alguma forma é paradigma da inconformidade humana até mes-

22. DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL, p. 9.

mo diante de ações de profundo amor de Deus. A profecia do século VIII aC menciona a água como sinal da salvação divina.

Na profecia do século VII aC, Jeremias denunciava a tentativa do povo de resolver os seus problemas de costas para Javé. Fala em abandonar o manancial de águas representado por Deus e a tentativa de fazer as cisternas por conta própria.

A linguagem da abundância de água como sinal da presença de Javé é utilizada pela profecia no século VI aC. Quando se anuncia o retorno do Exílio Babilônico há uma comparação entre a abundância de água e o derramamento do Espírito de Deus sobre as novas gerações.

Sob o reinado de Joaquim, a seca foi tão forte que até mesmo as lideranças do povo não encontraram água para o seu próprio consumo. Quem deveria prover o abastecimento passava sede. No contexto de uma peça litúrgica aparecia a confiança de que somente Javé pode fazer os céus derramarem águas.

Nas lutas do povo da Bíblia pela sua libertação a água ocupava papel preponderante. Sua falta podia significar a prática do pecado do povo e a negação da própria fé que os conduziu à terra prometida. A sua abundância era sinal da presença e bênção divina e anunciada como sinônimo dessa presença nas gerações futuras.

Se no tempo bíblico a luta do povo em busca de sua libertação envolvia a presença da água como sinal da companhia de Javé, hoje uma nova luta se apresenta para o nosso povo. Naquele tempo a falta d'água era representada pelas contingências naturais de uma região desértica ou semiárida. Hoje a luta pela libertação está relacionada à privatização dos bens fundamentais à vida, entre eles, a água. De dom divino, que jorra da rocha fendida, chegamos às grandes corporações que transformam esses bens universais em *commodities* negociadas em bolsas de valores. O acesso não é mais uma bênção de Javé, mas um objeto de consumo trocado por moedas que representam o império das corporações sobre a vida do ser humano, a vida do povo. Uma nova e permanente luta mobiliza a humanidade contra ganância usurpadora de quem monopoliza o bem mais precioso da vida: a água.

A murmuração de agora precisa ser contra a transformação das bênçãos de Javé em bens de consumo monopolizado por corporações inescrupulosas e perversas.

Há possibilidade de outras abordagens sobre Bíblia e água na dimensão da sustentabilidade. O respeito ao bem universal mais precioso pode se tornar tema de pesquisa significativa relacionando o povo da Bíblia e o povo de agora.

Bibliografia

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

PIXLEY, George V. Êxodo. São Paulo: 1987.

NOTH, Martin. *Exodus: a commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1962.

DOCUMENTOS FINAIS DA CÚPULA DOS POVOS NA RIO + 20 POR JUSTIÇA SOCIAL E AMBIENTAL. 22 jun 2012. Disponível em <http://cupuladospovos.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Declaracao-final-PORT.pdf>. Acesso em 01 jan 2013.

Norberto da Cunha Garin
Rua Cel. Feijó, 442/504
Porto Alegre – RS
norberto-garin@hotmail.com